

LÍNGUA ESTRANGEIRA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

As economias mundiais, cada vez mais, mantêm entre si uma relação de interdependência, e o conhecimento de línguas estrangeiras torna-se imprescindível para desenvolver e ampliar as possibilidades de acesso ao conhecimento científico e tecnológico produzido. Para exercer a cidadania, é necessário comunicar-se, compreender, saber buscar informações, interpretá-las e argumentar.

A aprendizagem de línguas estrangeiras, compreendida como um direito básico de todas as pessoas e uma resposta a necessidades individuais e sociais do homem contemporâneo, não só como forma de inserção no mundo do trabalho, mas principalmente como forma de promover a participação social, tem papel fundamental na formação dos jovens e adultos. A língua estrangeira permite o acesso a uma ampla rede de comunicação e à grande quantidade de informações presentes na sociedade contemporânea.

Uma importante contribuição da língua estrangeira (LE) é, assim, auxiliar a compreensão de informações de questões políticas e sociais que dependem da leitura crítica e interpretação de informações divulgadas pelos diversos meios de comunicação. A LE permite ampliar a compreensão das culturas estrangeiras e da própria cultura e promover a compreensão das diferenças: de expressão, de comportamento. No currículo, pode desempenhar uma função interdisciplinar, como processo de reflexão sobre a realidade social, política e econômica, e, portanto, como parte da construção da cidadania.

Assim, a aprendizagem deve representar para o aluno a possibilidade de usar a língua para obter acesso ao conhecimento nas diversas áreas da ciência, nos meios de comunicação, nas relações entre as pessoas de várias nacionalidades, no uso de tecnologias. O ensino de LE tem, assim, um papel importante na formação global dos alunos jovens e adultos, por contribuir para o desenvolvimento da cidadania e participação social, tendo em vista que, para a inclusão social, é necessário ampliar a compreensão do mundo em que se vive (o contexto regional mais próximo em relação ao contexto mundial), para poder refletir sobre ele e nele intervir. A aprendizagem de LE é, portanto, necessária como instrumento de compreensão do mundo, de inclusão social e valorização pessoal. Por meio do estudo de uma LE, ampliam-se as possibilidades de conhecimento de outra(s) cultura(s)

e, com isso, desenvolvimento de um olhar crítico a respeito da cultura brasileira, reconhecendo nela seus valores e sua diversidade.

O ensino de LE contribui para o desenvolvimento lingüístico dos alunos e pode ajudá-los no desenvolvimento da leitura e da escrita, bem como no entendimento das estruturas lingüísticas e discursivas, também na língua materna. Para a aprendizagem de novos conhecimentos, o professor deve valorizar os conhecimentos anteriores dos alunos, pois é a partir daí que poderão construir as concepções mais elaboradas, sistematizadas pelo trabalho escolar.

Contribuições específicas de LE para EJA

Especificamente no contexto de EJA, o ensino de LE poderá contribuir para o desenvolvimento de possibilidades de ascensão profissional, de opções de lazer, de interesse pela leitura e pela escrita; além de ser um espaço que contribuirá para o desenvolvimento da percepção da escola como um local que auxiliará o aluno na constituição de sua identidade.

Em relação à contribuição profissional, a LE poderá servir como auxiliar tanto no tocante ao alcance de conhecimentos disponibilizados apenas em outras línguas como no desenvolvimento de instrumentos lingüísticos para atuar em situações como entrevistas para emprego, leitura de classificados, escrita de currículos, leitura de manuais da área, escrita de relatórios, dentre outros tipos de textos que, trabalhados em LE poderão contribuir também para o desenvolvimento da língua portuguesa. No tocante às oportunidades e alternativas de lazer, a LE contribuirá com a possibilidade de maior abrangência de situações de lazer. Servirá para proporcionar aos alunos uma perspectiva de leitura mais crítica de livros, jornais e revistas, além de permitir maior compreensão de filmes, telejornais, documentários, entrevistas, novelas, dentre outros. Além disso, tornará possível uma maior compreensão do universo estético, abrindo espaço para a leitura de diferentes obras. É importante salientar que não é condição necessária que o aluno tenha acesso às obras na LE, mas tenha a chance de desenvolver essa possibilidade em LE e esse conhecimento em língua portuguesa.

Quanto ao interesse pela leitura e escrita, o ensino de LE poderá desenvolver o interesse pela leitura e escrita pela proposta de leitura e escrita de textos em LE que sejam

compatíveis com os interesses e necessidades dos alunos. Assim, textos de jornal e revista de grande circulação, educativos e científicos, de livros, poderão servir de base para leituras críticas da realidade, ao mesmo tempo em que servirão de insumo para a escrita de novos textos pelos alunos. Também será possível o desenvolvimento de textos dirigidos a necessidades específicas como currículo vitae, relatórios de atividades, pequenas mensagens, dentre outros.

Quanto à percepção da escola como espaço para constituição de sua identidade, o trabalho na aula de LE poderá permitir ao aluno perceber-se como integrante de uma comunidade de linguagem. A perspectiva de ensino-aprendizagem de LE, voltada para o uso de linguagem em contextos comunicativos, poderá servir de base para atividades de sala de aula voltadas para a participação do aluno com contribuições de seu dia-a-dia, com apoio/ auxílio/ participação na construção do conhecimento do outro, com questionamentos sobre a importância do que está aprendendo para sua vida, sua ação mais informada no mundo.

A partir da abordagem de linguagem desenvolvida de forma contextualizada e autêntica, será possível aos alunos perceberem suas atuações no mundo através do discurso. A forma como entendem os textos lidos ou ouvidos, a forma como produzem textos, o efeito dessas práticas na sua participação num contexto social e crítico mais amplo será de fundamental importância para seu desenvolvimento como cidadão atuante.

De forma semelhante, ao trabalhar com os temas transversais nas práticas de sala de aula (aqui entendidas tanto com relação ao conteúdo/textos escolhidos, como com relação às próprias ações e atitudes tomadas por alunos e professores em sala de aula e no dia-a-dia), os alunos poderão ter um espaço para a percepção de formas de agir no mundo preocupadas com questões ligadas à participação efetiva dos cidadãos em uma sociedade. Pelas discussões sobre esses temas, novas formas de entender o mundo poderão ser construídas.

Além de uma nova compreensão de mundo, essa forma de entender o ensino de LE na EJA permitirá a percepção da escola como um espaço para a construção de novas perspectivas de si mesmo. Os alunos terão a chance de participar da construção conjunta de conhecimento, usando sua história como fonte e objetivo de aprendizagem.

Apresentações dos professores de EJA sobre ensino de LE

Alguns pontos apresentados nas respostas dos professores são de grande relevância para uma reflexão inicial sobre as teorias que dão base para o ensino de LE em EJA.

Segundo as respostas dos professores sobre o ensino de LE para EJA, suas aulas, essencialmente expositivas, pautam-se em material apostilado e em livros didáticos, tendo como conteúdo de ensino aspectos como cumprimentos, dias da semana, meses, profissões, cores, o verbo *to be*, *to have*, pronomes pessoais, nacionalidades, números, artigos, adjetivos, preposições, formas interrogativas, respostas curtas. Os professores apontam, ainda, como irrelevantes o trabalho com entrevistas, programação de TV, textos publicitários, cartas, reportagens, classificados, poemas, editoriais de jornais, artigos jornalísticos, textos de enciclopédias, verbetes de dicionários, receitas, estatutos, declarações de direitos. Os professores dizem utilizar estratégias, tais como a leitura de textos em voz alta pelo professor, repetição do texto em voz alta pelos alunos e tradução desses textos

Essas representações indicam uma perspectiva de ensino de linguagem marcada por um fator normativo e estável que enfatiza seus elementos, sem relacioná-los com contextos mais amplos. A opção pelo ensino de formas gramaticais, funcionais ou lexicais, descontextualizadas e por um trabalho com o texto para leitura em voz alta e posterior tradução, em oposição ao ensino de tipos textuais como entrevistas, classificados, demonstra uma compreensão de língua a partir das estruturas que a compõem e não em relação às necessidades concretas de uso. Despreza, portanto, a importância da qualidade contextual da linguagem, seu caráter histórico, evolutivo e transformador. Nessa linha, aponta para uma percepção de linguagem monológica, que não leva em conta que “todo encontro interacional é crucialmente marcado pelo mundo social que o envolve, pela instituição, pela cultura e pela história.”

A opção por ensinar um item lexical, gramatical, um procedimento ou técnica e depois apresentar exercícios ou textos/tarefas, para verificar se os alunos são capazes de empregar o que lhes foi ensinado, revela uma representação de que o aluno aprende por fixação/reprodução/repetição/imitação. O que se apresenta, no geral, não representa muito desafio. A maioria dos alunos aprende a aplicar a regra de forma mecânica e não

necessariamente será capaz de desenvolver procedimentos/estratégias de compreensão e/ou produção de texto. Outro ponto a considerar sobre essas representações é a ênfase no ensino pelas aulas expositivas que, além de não criarem espaço para que o aluno aprenda o uso de linguagem em contextos comunicativos, ainda revelam uma perspectiva de ensino-aprendizagem centrada no professor como o transmissor do conhecimento que será autenticado e recebido pelos alunos. Por um lado, demonstra uma desvalorização da parceria entre os alunos e entre esses com professores como um meio de aprender e aprender a aprender.

Por outro lado, ainda nos mesmos questionários, os professores apontam como importante o uso do conhecimento prévio e de mundo dos alunos, a reflexão sobre outras culturas, valores, hábitos e costumes, o reconhecimento da função social do texto; o reconhecimento de diferentes tipos de texto com base em indicadores de organização textual, a preocupação em ser compreendido e compreender outros, tanto na fala quanto na escrita; e o reconhecimento de que as línguas estrangeiras aumentam as possibilidades de compreensão dos valores e interesses de outras culturas.

Diferente das representações discutidas anteriormente, nesse caso, há uma preocupação de entender a linguagem como meio de inserção cultural, social e histórica. Parte de uma percepção de que a língua se organiza em diferentes níveis (textuais, por exemplo) sempre com a preocupação de realizar uma ação no mundo (compreender e ser compreendido) e que a LE não serve apenas como função de decodificação de uma língua para outra, mas sim, uma possibilidade de entrada num universo cultural distinto. Além disso, entende que a valorização dos conhecimentos cotidianos dos alunos, que são acumulados ao longo de suas histórias, é fundamental para a aprendizagem de novas possibilidades de ação no mundo proporcionadas pelos conhecimentos trabalhados na escola.

Essas diferentes representações dos professores apontam para a necessidade de desenvolvimento de processos de reflexão contínuos do professor, pois, na maioria das vezes, suas posições se pautam em senso comum e suas ações não refletem nem mesmo essas idéias cristalizadas que reproduzem, numa perpetuação de modelos que fizeram parte da constituição de suas identidades profissionais. A falta de espaços reflexivos melhor organizados e preparados deixa, por vezes, o professor sem a oportunidade de acesso ao

conhecimento das teorias que embasam suas ações e afirmações, consciente ou inconscientemente. Contudo, é essencialmente pela percepção dessas teorias subjacentes às suas ações que os professores poderão realizar uma avaliação crítica de si, do papel de seus alunos e da adequação de sua prática didática às necessidades de seus alunos. É fundamental, portanto, a discussão de como uma abordagem sociointeracional da linguagem e de ensino-aprendizagem pode servir de base para um trabalho com EJA mais condizente com os objetivos desse contexto específico.

A perspectiva sociointeracional da linguagem

Uma abordagem sociointeracional de linguagem pressupõe a compreensão de que a LE possa ser um meio de interação entre os participantes de comunidades e contextos variados. Parte do pressuposto de que quem fala/escreve se dirige a alguém que interpretará o significado daquilo que foi produzido. Neste aspecto, está caracterizada a visão dialógica da linguagem, que ocorre entre participantes do discurso situados histórica, social e culturalmente. Nessa direção, os sentidos passam a ser compreendidos como construídos socialmente e daí decorre a necessidade de maior investigação e estudo da linguagem em uso, pois isto estará instrumentalizando os aprendizes a agir e a se posicionar no mundo.

No caso de EJA, esse fato torna-se ainda mais relevante, pois estes alunos já estão inseridos em contextos de trabalho e participam de interações sociais mais definidas, o que gera maior necessidade de desenvolver meios adequados de agir no mundo pelo discurso. Entendendo a linguagem como um conjunto de estruturas que compõem uma língua e ensinando-a desse jeito, pelas suas partes, não é possível trabalhar as características contextuais que tornam a linguagem um mega instrumento para a ação no mundo.

O que significa ensinar linguagem nessa perspectiva? Em primeiro lugar, essa perspectiva de linguagem pressupõe o ensino de LE por textos verdadeiros que façam parte do cotidiano ou das necessidades de uso dos aprendizes. Entende como fundamental a compreensão do contexto em que o texto é produzido, isto é, quem produz o texto, para quem, em que local, quando, como, e com que finalidade. Na mesma linha, entende que o conhecimento de mundo que o aluno já tem acumulado sobre esses aspectos e sobre o próprio assunto do texto é fundamental para sua produção ou compreensão adequadas.

O conhecimento sobre a organização textual está ligado à discussão sobre a forma como a informação se organiza no texto, dependendo de seu objetivo. Por exemplo, um mesmo tema poderá ser tratado de diferentes maneiras e, portanto, a partir de diferentes formatos organizacionais, dependendo da prática social a que está vinculado. O tema *amor* em uma palestra sobre contraceptivos será discutido de forma diversa daquela que o é em um poema ou novela de TV. Esses diferentes tipos de textos têm funções diferentes na sociedade e pressupõem diferentes organizações. Basicamente, os PCN tratam de três tipos de organização textual: narração, descrição e argumentação. Esses tipos de organização não acontecem necessariamente dissociados, mas podem ser integrados uns nos outros.

A organização narrativa de textos se sustenta principalmente pela apresentação seqüenciada de ações que, em sua maioria, estruturam-se por um processo de intriga. Por sua vez, a descrição se caracteriza pela apresentação das características para “*fazer ver no detalhe* os elementos do objeto de discurso”. Por fim, a argumentação se organiza a partir de uma controvérsia, uma polêmica sobre um tema ou um desacordo. Em geral, o objeto da argumentação não é a verdade ou falsidade da asserção, mas opiniões, atitudes e comportamentos discutíveis. O objetivo de uma argumentação é criar um novo sistema de convicções e atrair outros para ele, isto é, convencer outros a mudarem seus pontos de vista, persuadir. O destinatário da argumentação serve como regulador do discurso, uma vez que as mudanças de atitude dependerão de se saber suas atitudes e opiniões. Desenvolver a percepção desses tipos de organização textual permite ao aluno relacionar objetivo discursivo e forma de organização textual, criando a possibilidade de avaliação dos textos lidos e escritos de acordo com seus objetivos. Da mesma forma, o conhecimento sistêmico da língua permite um trabalho com as escolhas sintáticas, morfológicas, léxico-semânticas, fonético-fonológicas a partir dos contextos maiores nos quais se inserem. Assim, estudar vocabulário sobre comida só terá sentido se integrado a, por exemplo, estrutura sintática de questões para pedidos em restaurantes, que por sua vez implicam uma certa entonação e escolhas (modalização) que estão subordinadas até mesmo pelo fato de os participantes estarem em um sofisticado restaurante ou numa lanchonete de comidas rápidas. Portanto, o ensino do conhecimento sistêmico só pode ser considerado se atrelado a situações concretas de uso que se realizam através de determinados tipos de organização textual que pressupõe escolhas de aparatos lingüísticos específicos.

A perspectiva sociointeracional de ensino e aprendizagem

A perspectiva sociointeracional de ensino-aprendizagem entende que aprender exige a "co-participação social", ou seja, o engajamento dos participantes no processo conjunto de construção de conhecimento, mediado pela linguagem. A linguagem é concebida como o instrumento simbólico que auxiliará no desenvolvimento de novas perspectivas sobre o mundo.

Nesse sentido, o foco recai sobre uma percepção de que a aprendizagem se dá dentro de contextos históricos, sociais e culturais, partindo do conhecimento cotidiano que o aluno já tem acumulado, que entra em conflito com conceitos cientificizados e trabalhados no ambiente escolar. Esses novos conceitos são construídos com a perspectiva de que a atuação desses aprendizes se dê de forma mais informada e crítica. Em outras palavras, estabelece-se a relação entre o conhecimento teórico discutido na escola com os problemas práticos vivenciados pelos alunos.

Além disso, os processos cognitivos utilizados pelos alunos são vistos como constituídos socialmente através da interação. Essa compreensão torna necessário o compartilhar de processos de aprendizagem que servirão de exemplos para que cada aprendiz possa utilizar uma nova forma de entender e construir conhecimento. Essa compreensão de ensino-aprendizagem privilegia tipos de interação que dêem aos professores e aprendizes novos papéis. O professor deixa de ser um transmissor de conhecimentos, preocupado e responsável por tudo o que deve ser aprendido. Nessa perspectiva, o professor é o parceiro responsável por criar oportunidades para que o aluno possa construir seu próprio conhecimento. O professor é também aquele que, por ocupar o local de condução da aula, poderá criar espaços para que os alunos tenham chances de trocas e de busca de conhecimentos que vão além daqueles que o próprio professor já apresentou. Por sua vez, os alunos assumem maior responsabilidade pelo processo de aprendizagem conjunta. Cada aluno tem um papel fundamental na própria aprendizagem, bem como na dos colegas. Cabe aos alunos atuar de forma ativa para auxiliar os outros em suas dúvidas, criando, assim, comunidades de aprendizagem nas quais todos terão a oportunidade de aprender uns com os outros.

No ensino de LE em EJA, essa proposta se mostra bastante sensata. Primeiramente,

por pressupor que a aprendizagem se dê em contextos sociais, históricos e culturais, abre espaço para que os alunos de EJA já engajados em diferentes aspectos da sociedade possam perceber a aplicabilidade e relação entre o que aprendem na escola e sua importância no seu dia-a-dia. Esse fato torna a aprendizagem significativa, pois os alunos poderão fazer relações e trazer de forma concreta suas realidades para dentro da escola.

Dessa forma, seu papel como co-construtores de conhecimento se faz possível. Os alunos percebem que têm conhecimento sobre diferentes aspectos da situação, do assunto e dos participantes, utilizam-se de diferentes ferramentas para compreender e produzir conhecimento e podem, acima de tudo, entender e aprender com os demais, diferentes formas de ação. Com isso, constrói-se em sala de aula um ambiente de colaboração que é tão almejado nas relações sociais como um todo.

Também a nova dimensão dada ao papel do professor oferecerá aos alunos de EJA uma perspectiva diferenciada sobre como o poder pode ser utilizado. No papel de mediador do conhecimento, o professor servirá de exemplo de como usar o poder institucional, de forma que todos tenham chances e responsabilidades de ação em sala de aula. Uma perspectiva de questionamento e de co-participação poderá ser desenvolvida, o que servirá de base para a construção de novas formas de agir em situações do dia-a-dia, principalmente profissional.

OBJETIVOS DO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Na definição dos objetivos é preciso levar em consideração o aluno, o sistema educacional e a função social da língua estrangeira em questão. Que capacidades os alunos precisam desenvolver, que correspondam às suas necessidades sociais, intelectuais, profissionais e de interesse?

As finalidades do ensino de Língua Estrangeira, compreendido como caminho para a construção da cidadania e a constituição do aluno como sujeito da aprendizagem, indicam como os objetivos do ensino fundamental podem levar os alunos a identificar os conhecimentos como meios para compreender e transformar o mundo à sua volta e perceber o caráter da Língua Estrangeira, como aspecto que estimula o interesse, a

curiosidade, o espírito de investigação e o desenvolvimento da capacidade para compreender e comunicar-se.

Os objetivos gerais de língua estrangeira para o Ensino Fundamental, destacados nos Parâmetros Curriculares de Língua Estrangeira, estão orientados para a sensibilização do aluno para o mundo multilíngüe e multicultural em que vive; para a compreensão global (escrita e oral); e para a importância do empenho na negociação do significado e não apenas na correção. O ensino e a aprendizagem da linguagem como prática social significa trabalhar a possibilidade de compreender/expressar, oralmente e por escrito: opiniões, valores, sentimentos, informações. Oferecer oportunidades de perceber, experimentar a comunicação como troca de idéias, de valores culturais, além de estimular o aluno no prosseguimento dos estudos, ajuda-os a comparar suas experiências de vida com as de outros povos.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos é fundamental que os professores considerem as representações que estes alunos têm da escola, da aprendizagem e de si mesmos. Se puderem perceber como são capazes de ampliar as fronteiras dos seus conhecimentos, mesmo que básicos, os alunos passam a ter mais iniciativa na busca de outros novos conhecimentos, ou seja, tornam-se cada vez mais autônomos e conscientes de sua aprendizagem.

Além disso, na busca por novos conhecimentos e nas possibilidades de sua ampliação, desenvolvem processos que lhes permitem repensar condutas, atitudes e conceitos. É por meio dessa reflexão que podem começar a participar mais das discussões que envolvem o convívio ético entre as pessoas.

Para promover a interação de forma cooperativa com os colegas, sem perder de vista que o que se aprende e seu uso deve vir juntos, o professor tem o desafio de organizar formas de desenvolver o trabalho escolar de modo a incorporar os diferentes níveis de conhecimento dos alunos e ampliar suas oportunidades de acesso; partir de uma diversidade de experiências e interesses; garantir ao aluno uma experiência de construção de significado pelo domínio de uma base discursiva que lhe permita comunicar-se com outras pessoas por meio de textos orais e escritos, e a possibilidade de ampliar essa base à medida que se fizer necessário. Mais ainda, o professor tem o compromisso de ajudar os alunos a confiar na própria capacidade de aprender.

Assim, é fundamental buscar desenvolver um trabalho que permita também ao aluno de Educação de Jovens e Adultos:

- *identificar no universo que o cerca as línguas estrangeiras que cooperam nos sistemas de comunicação, percebendo-se como parte integrante de um mundo plurilíngüe e compreendendo o papel hegemônico que algumas línguas desempenham em determinado momento histórico;*
- *vivenciar uma experiência de comunicação humana, pelo uso de uma língua estrangeira, no que se refere a novas maneiras de se expressar e de ver o mundo, refletindo sobre os costumes e possibilitando maior entendimento de um mundo plural e de seu próprio papel como cidadão do país e do mundo em que vive;*
- *reconhecer que o aprendizado de uma ou mais línguas lhe possibilita o acesso a bens culturais da humanidade construídos em outras partes do mundo;*
- *construir conhecimento sistêmico, sobre a organização textual e sobre como e quando utilizar a linguagem nas situações de comunicação, tendo como base os conhecimentos da língua materna;*
- *construir consciência lingüística e consciência crítica dos usos que se fazem da língua estrangeira que está aprendendo;*
- *ler e valorizar a leitura como fonte de informação e prazer, utilizando-a também (mas não só), como meio de acesso ao mundo do trabalho e dos estudos avançados;*
- *utilizar outras habilidades comunicativas de modo a poder atuar em situações diversas.*

Um dos aspectos que o professor deve priorizar em Língua Estrangeira, especialmente na Educação de Jovens e adultos, é o trabalho de seleção e organização de informações relevantes. Num mundo em que há uma grande massa de informações, por vezes contraditórias, outras pouco relevantes, é necessário que o aluno aprenda a interpretá-las, avaliá-las e selecioná-las criticamente, para, como cidadão, poder fazer triagem e avaliação constantes.

CONTEÚDOS DO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Objetivos e conteúdos para a etapa correspondente a 5ª e 6ª séries do ensino fundamental

Ressaltada a natureza sociointeracional da linguagem e da aprendizagem, é preciso destacar a necessidade de aprender a língua estrangeira no uso, aprender com o outro, cooperativamente. Assim, as propostas de ensino para jovens e adultos devem também partir da análise das necessidades dos alunos e considerar a natureza da linguagem e do processo de ensino e aprendizagem.

Os temas centrais para essa aprendizagem serão, portanto, a cidadania, a consciência crítica em relação à linguagem e os aspectos sociopolíticos da aprendizagem de Língua Estrangeira, que buscam restaurar o seu papel na formação educacional, permitindo a participação dos cidadãos no mundo contemporâneo em acelerada expansão econômica, política e social.

Tendo como foco de aprendizagem a construção social do significado, a seleção dos conteúdos deve basear-se em aprendizagem de estratégias de construção do significado em Língua Estrangeira e permitir que o aluno avance em sua aprendizagem com autonomia, não só na aprendizagem de conceitos e procedimentos, como também no desenvolvimento de uma consciência crítica dos valores e atitudes em relação ao papel que a língua estrangeira representa no país, aos seus usos na sociedade, ao modo como as pessoas são representadas no discurso.

Portanto, a ênfase do ensino, como possibilidade de realizar a construção do significado como prática social, deve ser, no terceiro ciclo, a compreensão geral dos textos em língua estrangeira, e no quarto ciclo, compreensão geral e detalhada.

É importante lembrar a base sociointeracional da linguagem e da aprendizagem, e que seu uso envolve a identidade social do interlocutor. Assim, na seleção dos conteúdos a exemplo do que se encontra ressaltado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que o uso da linguagem na comunicação envolve:

- O conhecimento sistêmico
- O conhecimento de mundo
- A organização textual

- e a capacidade de usar esses conhecimentos para a construção social dos significados na compreensão e produção escrita e oral.

As experiências de aprendizagem devem estar relacionadas a uma meta ou atividades específicas de uso da linguagem e ter relação com o mundo fora da escola, propósitos claramente definidos, com foco na atividade, em um tópico, e não apenas em um aspecto específico do sistema lingüístico. O foco deve ser o significado, a relevância da atividade, e não somente o conhecimento sistêmico envolvido. Portanto, na proposta da tarefa é preciso integrar as dimensões interacional, lingüística e cognitiva.

É importante que os alunos da Educação de Jovens e Adultos sejam, desde o início de seus estudos, estimulados a ler, discutir e escrever pequenos textos relatando suas observações, percepções, conclusões, justificando as hipóteses de interpretação que levantam. É importante que o aluno realize leituras e, neste processo se perceba capaz de ler, mesmo sem ter domínio do vocabulário e das estruturas envolvidas na organização do texto. É exatamente por meio desse processo, com a ajuda do professor, que o aluno poderá atribuir significado ao texto, às palavras, às estruturas gramaticais.

Os procedimentos do professor de língua estrangeira devem incluir a apresentação contextualizada do texto, o estabelecimento de relações com os conhecimentos de outras áreas ou com temáticas sociais urgentes que, muitas vezes, são destacadas nos projetos pedagógicos das escolas.

Mostrar ao aluno que ele pode realizar uma tarefa com sucesso, que ele é capaz de aprender é um objetivo dos mais relevantes. Perceber-se capaz de ler em língua estrangeira, com a ajuda do professor, não deve ser confundido, entretanto, com facilitação. Significa, sim, ajudar o aluno a observar, por exemplo, o modo como um texto está organizado, tipo de vocabulário utilizado, em que tipo de veículo/fonte está publicado, quais as possíveis intenções do autor -, como ele já o faz cotidianamente em sua língua materna.

A aprendizagem se faz num contexto de interações e, portanto, aprender a interagir cooperativamente com os pares também é um objetivo importante a ser trabalhado em Língua Estrangeira na Educação de Jovens e Adultos. Evidentemente, o professor tem um papel muito importante como mediador e orientador dessas interações, à medida que promove oportunidades de trabalhar com troca de idéias, de saberes, construção coletiva de novos conhecimentos, respeitando o modo de pensar dos colegas e aprendendo com eles.

Objetivos e conteúdos para a etapa correspondente a 7ª e 8ª séries do ensino fundamental

Nos questionários dos professores de Língua Estrangeira, devolvidos ao MEC, é possível observar que, nas respostas sobre os conteúdos trabalhados nas diferentes séries, os mais citados são relativos aos conhecimentos sistêmicos. É interessante também destacar que vários conteúdos iguais são mencionados nas diferentes séries e até se repetem.

Este dado nos mostra e corrobora uma concepção de língua cujo ensino e aprendizagem não podem pautar-se exclusivamente pela exploração de itens gramaticais isolados, mas deve antes se orientar pelas suas funções nos textos em estudo. Tomando-se como exemplo o verbo to be, geralmente o mais citado pelos professores, é possível inferir que este conteúdo é aprendido inicialmente para saudações, apresentações, pequenos diálogos, entre outras funções. Progressivamente, esse conteúdo é retomado pelos professores para que os alunos possam ampliar a compreensão de seu uso, reconhecendo-o em funções de auxiliar de tempos verbais, em situações em que é necessário o uso do present continuous ou da voz passiva, por exemplo.

É possível observar nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira que no quarto ciclo, 7ª e 8ª séries, sugere-se o aumento da proporção de conhecimentos sistêmicos da língua, uma vez que o aluno já terá avançado em sua capacidade de trabalhar com diferentes tipos de textos em Inglês (ainda que sejam de pouca complexidade), a exemplo do que já faz em língua materna.

Essa progressão dos conhecimentos sistêmicos, evidentemente, será definida pelo professor, à medida que forem necessários para os tipos de textos e temas escolhidos para o trabalho didático.

Se a meta é aprender a construir significados, e esta construção é resultado de procedimentos sociointeracionais, as tarefas propostas em língua estrangeira não podem se restringir à dimensão lingüística, mas deverão integrar essa dimensão às dimensões interacionais e cognitivas da aprendizagem. Os aspectos afetivos, emocionais, presentes em toda atividade intelectual não podem ser ignorados. É importante, então, que o aluno desenvolva a capacidade de aprender e que se sinta aprendendo, que possa se perceber como pessoa capaz de ampliar seus conhecimentos sempre e com autonomia.

As relações entre LE e temas transversais na EJA

Os Temas Transversais oferecem aos alunos a oportunidade de se apropriarem dos conteúdos das diferentes disciplinas como instrumentos para refletir e mudar sua própria vida. Além disso, permitem, pela didática, métodos, organização e âmbito das atividades, organização do tempo e do espaço, que os alunos vivenciem – em sala de aula – ambientes de maior autonomia, maior colaboração e participação social, fundamentais à constituição dos alunos como cidadãos.

Efetivamente, a preocupação e o objetivo do trabalho com os Temas Transversais devem proporcionar espaço para que os alunos se percebam como cidadãos. Isso implica que os professores adotem, em suas práticas de sala de aula, atitudes e posicionamentos perante os eventos de sala de aula e os conteúdos ensinados, que propiciem espaços de reflexão crítica sobre as realidades particulares dos alunos. Para que isso seja possível, é importante que haja, nos objetivos e conteúdos, o trabalho com os Temas Transversais.

Além disso, é fundamental que esses Temas Transversais sejam discutidos de forma explícita, para que haja a possibilidade de os alunos discutirem amplamente esses temas. Isso não implica que aulas sejam destinadas somente a tratar dos Temas Transversais, como se esses não integrassem o conteúdo e dia-a-dia da sala de aula. Pelo contrário, relaciona-se à discussão da vivência diária dos Temas Transversais em sala de aula, na família, no lazer e no trabalho. O que significa trabalhar com os Temas Transversais significa: falar de *ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo* em LE?

Ética – trabalhar a ética significa, essencialmente, tratar de temas como respeito mútuo, justiça, solidariedade e diálogo. Não significa empreender um caráter normativo de ações, mas pressupõe desenvolver a reflexão crítica sobre a moralidade, a fim de servir para verificar a coerência entre práticas e princípios, para questionar, reformular e fundamentar os valores e normas que auxiliam as pessoas a viverem em sociedade. Tornar-se cidadão implica agir no mundo, construindo vida a partir da percepção de que cidadania é liberdade em companhia e compreende a possibilidade de empreender uma ação, um gesto que envolve co-responsabilidade, partilha de deveres e poderes, com a superação do

individualismo e a definição de regras e normas de participação de todos para que cada indivíduo possa realizar seus projetos e tenha satisfação derivada de sua participação.

Em LE, ética implica a percepção de que a língua carrega valores de uma determinada cultura. É pela linguagem que os indivíduos têm acesso à sua história e cultura e é também por ela que entram em contato com outras culturas. Pensar em ética em LE envolve tematizar os usos de LE, que levam em conta o respeito mútuo, as diferenças de opinião. É também possibilitar aos aprendizes o acesso a uma perspectiva de ver e agir no mundo por meio da linguagem de forma mais crítica, entendendo as diferenças de escolha lingüística com perspectiva crítica e aplicada. Isso implica analisar e avaliar as situações de sala de aula, os textos escolhidos, levando em conta como essas questões são tratadas. Por exemplo, ao discutir textos jornalísticos, seria relevante pensar nas formas como os eventos e as pessoas são tratadas nos diferentes meios de comunicação, que valores estão sendo passados pela abordagem dada ao evento em diferentes textos e/ou em diferentes veículos de comunicação.

Pluralidade cultural – trabalhar diversidade cultural implica discutir as características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que compõem a sociedade brasileira. Pressupõe entender as desigualdades socioeconômicas e apontar transformações necessárias. A escola seria o espaço em que o aluno estaria construindo um ambiente de respeito, aceitação, apoio, valorização e incorporação das diferenças. O trabalho em LE envolve reconhecer a existência de outras línguas, diferentes da portuguesa e de várias linguagens (regionalismos, registros), além da linguagem corporal, a arte, a escultura etc. Além disso, envolve uma discussão sobre o papel das diferentes LEs na constituição da cultura brasileira, o reconhecimento do valor da própria cultura e da cultura da LE, a valorização do convívio pacífico entre as diferentes culturas. Por exemplo, ao abordar artigos, notícias, histórias em LE, é possível discutir as diferenças culturais que permeiam os conteúdos, organização textual, escolha lexical, dentre outros.

Meio ambiente – o trabalho com o meio ambiente envolve a discussão sobre as condições de vida no mundo. Assim, discutir o meio ambiente implica, dentre outras coisas: identificar-se com a natureza, perceber, analisar e adotar posturas críticas diante de fatos e situações ligadas a questões ambientais, tais como o suprimento da sobrevivência, a extinção das espécies, as alterações nos fluxos naturais em situações concretas. É

fundamental a discussão desses temas em LE para que se compreenda como diferentes culturas lidam com as questões do meio ambiente. Além disso, é possível desenvolver atividades (confeção de cartazes, panfletos sobre problemas ecológicos, artigos) em sala de aula, que permitam o envolvimento dos alunos com assuntos como formas de intervenção, proteção, preservação, conservação, recuperação do meio ambiente cria espaço para a atuação crítica e consciente dos alunos. O trabalho com questões sobre ecologia pode ser feito a partir de discussões sobre como os textos escolhidos para as atividades de sala de aula tratam essas questões e que atitudes os alunos podem tomar em suas vidas para auxiliar nesses aspectos. Torna-se interessante escolher textos que abordem temas que discutam as questões ecológicas ligadas ao dia-a-dia dos alunos, mas também temas internacionalmente bastante debatidos como o efeito estufa, o protocolo de Kioto, o aquecimento da Terra, desastres ambientais a partir da intervenção humana, como Exxon Valdez, as queimadas na Amazônia, o lixo em rios, posições ambientais com base no grau de desenvolvimento econômico (posições dos países ricos em relação aos países pobres), consideração de temas ambientais nas agendas de visitas e reuniões entre chefes de Estados.

Saúde – trabalhar com o tema saúde é ter a efetiva chance de desenvolvimento de atitudes e hábitos que respeitam o funcionamento do corpo, aspectos de higiene, tratamento e prevenção de doenças. Assim, temas como a qualidade do ar e da água, uso de equipamentos e armas nucleares, degradação social, desnutrição, doenças sexualmente transmissíveis, drogas, bebidas e miséria tornam-se essenciais. Em LE, assume importância a discussão de textos que abordem diferentes grupos de pesquisa mundiais, que buscam a erradicação de doenças, campanhas de conscientização sobre higiene, alimentação balanceada e prática de atividades físicas e as conseqüências do uso de drogas nas diferentes culturas.

Além disso, ao trabalhar situações como a leitura de bulas de remédios ou de embalagem de alimentos, visitas ao médico, dentre outras, poderão ser discutidos problemas do universo da saúde que permitiram aos alunos levantar problemas, dúvidas, formas de agir que possibilitarão uma ação mais consciente no mundo. Um exemplo real foi um grupo de alunos que realizou um trabalho sobre a visita ao médico e, posteriormente, uma aluna afirmou sentir-se mais preparada para conversar com os médicos de seu marido que se encontrava hospitalizado.

Orientação sexual – a atuação da escola sobre sexualidade está conectada ao desenvolvimento de problematização, questionamento e ampliação do leque de conhecimento dos alunos. O trabalho da escola se desenvolve, no sentido de discutir a diversidade de valores, tabus e comportamentos em relação ao tema, a compreensão da busca de prazer como parte da dimensão humana, a necessidade do consentimento e respeito mútuos na relação a dois, e solidariedade com relação aos portadores do HIV. As discussões sobre orientação sexual, promovidas a partir de situações e de textos em língua estrangeira, servirão de subsídio para que os alunos percebam as diferentes compreensões, tratamentos, ações adotadas e pesquisas realizadas em diferentes países. Por exemplo, discussões podem ser encaminhadas no sentido de entender como as questões de gênero, escolha sexual, aids são tratadas pelos textos e materiais usados nas aulas. Além disso, tabus expressos durante as discussões sobre situações presentes em artigos, textos informativos ou filmes podem ser tematizados para que posturas de respeito e compreensão sejam desenvolvidas.

Trabalho e consumo – o tema *trabalho e consumo* está na base da discussão sobre as relações entre os indivíduos na sociedade e implica em discussões sobre a atuação em situações de trabalho e consumo com discernimento e solidariedade, sobre as transformações e permanência de certos tipos de relações de trabalho; sobre a relação entre o meio e o trabalho e consumo humano, sobre as discriminações e injustiças, os direitos civis, sociais e políticos, sobre a publicidade e estratégias utilizadas em vendas, sobre as questões relativas ao processo de inserção no trabalho/profissão/ocupação.

Em LE, seriam tratados criticamente textos sobre as diferentes organizações de trabalho e formas de consumo nas diferentes culturas, a composição hierárquica dentro das empresas, o papel das empresas internacionais no Brasil, o comércio internacional, a inserção do Brasil no mercado internacional (Mercosul, ALCA e outros tratados de livre comércio). Além disso, ao trabalhar com textos como *curriculum vitae*, anúncios e entrevistas para emprego, por exemplo, seria possível instrumentalizar os alunos sobre como atuar em eventos de seu dia-a-dia, de forma a terem mais chances de maior sucesso nesses eventos.

O trabalho com manuais (especialmente aqueles trazidos pelos próprios alunos) pode facilitar, inclusive, o uso feito pelos alunos de equipamentos de trabalho. Além disso, a leitura de anúncios de produtos (carros, televisões, DVDs) e serviços (filmes, peças de

teatro, livros) pode servir para uma discussão sobre quem tem acesso a esses itens e porquê, além de discutir a necessidade de certos itens a vida de cada um.

O trabalho com os Temas Transversais em LE, portanto, deve ser feito de forma integrada aos conteúdos das aulas, que devem ser tratados de forma a permitir que os alunos se dêem conta de que a linguagem está impregnada de valores e pode ser um instrumento para a ação mais efetiva e crítica no mundo. Simultaneamente, os alunos poderão desenvolver conteúdos referentes à LE e debater aspectos relevantes de suas vidas e de eventos do mundo. Assim, os Temas Transversais não necessitarão de um espaço especial para serem discutidos, mas integrarão as atividades diárias realizadas em sala de aula.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

Formato de apresentação das atividades

As unidades didáticas demonstradas a seguir procuram exemplificar as questões de ensino-aprendizagem de LE e de Temas Transversais discutidas anteriormente. Para auxiliar a compreensão, serão apresentados os objetivos, tipo de texto/situação escolhido, conteúdo, recurso necessários, além das atividades comentadas para os professores. Serão também realizadas discussões das unidades com base nas questões teóricas discutidas anteriormente.

As atividades exemplificadas referem-se aos seguintes tipos de textos, universo de interesses, modalidades, tipos de organização textual predominante e LE enfocada.

	Exemplo 1	Exemplo 2	Exemplo 3
Tipos de texto	Panfleto	Telenotícias e artigo de opinião	Notícias
Universos de interesse	Informação e participação	Informação e participação	Informação e lazer
Modalidades	Escrita	Oral e escrita	Escrita
Tipos de organização	Argumentativa	Argumentativa	Expositiva/ descritiva
LE enfocada	Francês	Espanhol	Inglês

Exemplo 1

O exemplo 1 é uma unidade didática desenvolvida para aulas de francês em EJA¹. Aborda o tipo de texto *Panfleto*, que se organiza a partir da argumentação e trata do universo da informação e convencimento à participação. Esse texto escrito aborda questões ligadas à ecologia. As propostas de atividades partem da discussão do contexto maior do tipo de texto e do tema para, posteriormente, discutir atividades voltadas à organização textual e sistêmica.

Atividade: *Auto c'est trop, la ville aux vélos*

Atividade para o texto: <i>Auto c'est trop, la ville aux vélos.</i>
--

¹ Autora Eliane Lousada